

P 893



REVISTA

DA

CIDADE



ANNO IV

NUM. 148



ANTARCTICA



Guaraná Champagne

*A excellente bebida
sem alcool!*

*O melhor refresco
que contem, de
facto, o legitimo
Guaraná do Ama-
zonas*

Fabricaçāo da

"ANTARCTICA"

A C I D O U R I C O
O FLAGELLO DA VELHICE
 ELIMINE O ACIDO URICO COM O
H Y D R O L I T O L

A mais saborosa agua mineral
 A mais diuretica agua de mesa
 A mais digestiva agua gazoza
 A mais barata das aguas.

HYDROLITOL VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS E NO POSTO
HYDROLITOL A RUA NOVA N.º 317—Caixa com 10 litros 5\$000—1 litro \$600.



ras, cujas pontas, depois de atravessarem a barra e a taboa, se dobram por detraz desta.

A pericia manual daquelles que quizerem executar este porta-jornaes substitue outras minudencias que nos dispensamos de indicar.

Affirma um velho philosopho que é necessario ter lido muito para no fim reconhecermos

Depure seu Sangue

Fortaleça seu Organismo

Augmente seu Peso

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta logo uma transformação no seu estado geral; o appetite aumenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico), a cór torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos músculos, mais resistencia à fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo, sente uma sensação de bem estar muito notavel. O elixir de Inhame é o unico depurativo-tonico, em cuja formula tri-iodada entram o arsenico e o hydrargirio e é tão saboroso como qualquer licor de mesa.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

que sabemos pouco. Esse velho philosopho ainda conserva um resto de vaidade. O seu antepassado Socrates confessava, com humilde certeza: — Eu sei que nada sei...

Mas, não se apenas para saber. No delirio da vida que vivemos, hoje, neste seculo barulhento, sentimos ás vezes, a nostalgia da solidão e do silecio. E ha um silencio rythmado pelos bellos pensamentos, e ha uma solidão povoada pelos livros. Quem os não ama, nas primeiras horas do dia, ou dentro da noite?... Os bellos pensamentos, é verdade, nem todos poderão possuir-os...

Os livros, porém, e dos melhores, estão á espera, dos seus leitores, ali, á Avenida, 137, na Agencia de Publicações Mundiaes, dos Snr. Soria & Boffoni,-- os livros que esclarecem e os livros que divertem, desde os de Remy de Gourmont até os de George Ohnet; desde os marcados Mercure de France até os sensacionaes romances folheiim...

Em muitas casas de campo, quando se quer ter provisão de agua é costume pôr uma pipa junto á bocca do cano que desce desde o beiral do telhado, formando assim uma especie de cislerna. Este processo tem dois inconvenientes: a pipa é extremamente pequena para poder dar cabida a uma provisão abundante, e se chove muito, a agua transborda e não pode aproveitar-se toda. O sistema de pipas unidas por pequenos canos, que o desenho representa é muito melhor. Como cada cano está um pouco mais abaixo que o anterior, á medida que as pipas se vão enchendo, a agua passa de uma para outra de modo que não ha perigo de transbordo, a não ser que caia um verdadeiro diluvio; e além disso pode colher-se muito mais quantidade de agua.

REVISTA DA CIDADE

SEMANARIO DA VIDA MUNDANA
DO RECIFE

Dispondo de bem installadas officinas,
acceita todo e qualquer serviço de arte graphica

Rua do Imperador Pedro II — 207

A Cerveja maltada

Malzbier

é um poderoso fortificante,
de delicioso Paladar

REVISTA DA CIDADE

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 20

Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.015

RECIFE — PERNAMBUCO

D i r e c t o r - g e r e n t e — J O S É D O S A N J O S E

D i r e c t o r - s e c r e t a r i o — J O S É P E N A N T F

D E S T I N O

A's vezes, de noite, quando o sonno não vinha, pensava na vida. Não que a achasse diferente de outras, de muitas outras. Mas não entendia por que lhe acontecera tanta coisa má em tão pouco tempo. Ao lado, a mulher respirava levemente, com uma serenidade de imagem pintada, no rosto. Tão bonita! Ficava a olhal-a toda. Punha as mãos sobre os cabellos della, quasi loiros, lisos e finos como se fossem bem tratados. Perto da esteira, os filhos dormiam em cima de jornaes. Chegára á miseria peor. Aquelle rancho de suburbio era o derradeiro abrigo. De repente, sorria... Ah! o tempo em que traballava!... Estreára menino, num circo ambulante. Crescera. A fama tomou-lhe o nome: contratos não lhe faltavam, as folhas diziam cousas do "grande palhaço", nas ruas gente o apontava... Depois encontrou a mulher. Fugiram juntos. Depois, os filhos. Depois o desastre. O incendio no theatro. O hospital. Mezes de tratamento. Por fim, a alta, estropiado, caricatura inutil, e sempre cambaleando, cheio de torturas. Ninguem mais se importou com elle... Ninguem... Pobre palhaço!

Um annuncio pedindo um "homem desembaraçado" para reclamista de certa casa da rua Larga trouxe-o á cidade. Conseguiu o emprego. Deram-lhe uma roupa vermelha, uma gravata verde, immensa, uma cartola. Ensinaram-lhe o pregão:

— Entrem, entrem! Foi aqui que annuncioi! A casa mais barateira!

Cinco dias gritou assim, com vantagens para a firma. No sexto, a familia veio vel-o.

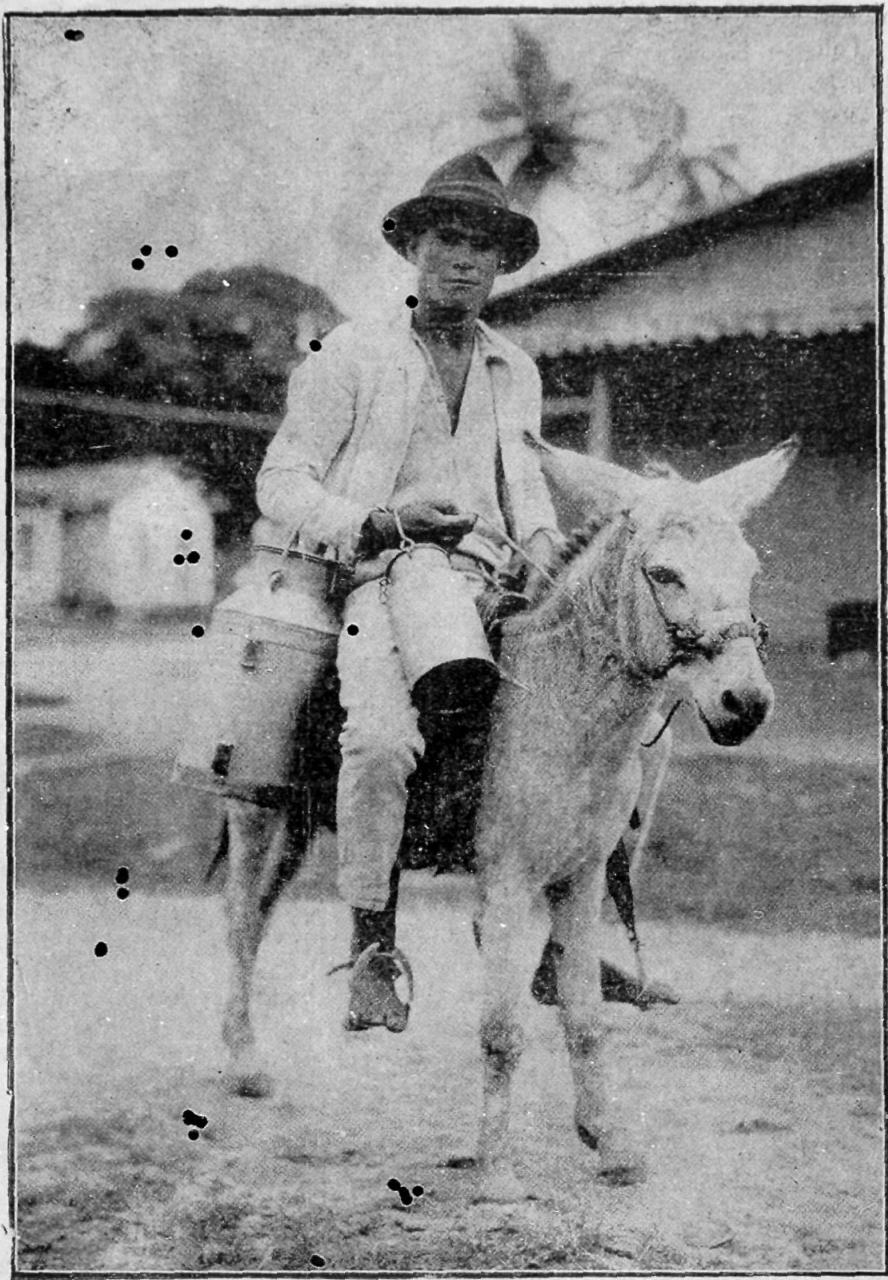
— Entrem, entrem! A casa mais barateira! Foi aqui que annuncioi!

A multidão estacava, rindo. Elle bradava cada vez mais alto, andando da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, fazendo piruetas, pondo um alvoroço na quadra inteira. Sentia-se alegre, feliz. Resuscitava o prazer das horas gloriosas nos picadeiros, nos palcos. A mulher encolhida na esquina, mostrou-o ao filhos:

— Lá esta o papae...

E o mais velhinho, que já sabia fallar, perguntou, desconsolado:

— Por que foi que elle se vestiu de palhaço?...



(Mário de Oliveira)

O HOMEM DO LEITE

DURANTE os trabalhos effectuados com o fim de demonstrar ser o sistema nervoso do organismo humano uma fonte elétrica, da qual o cerebro é o regulador, em Munich, Alemanha, dois scientistas dizem ter photographado correntes eléctricas sahindo do corpo humano.

Dizem eiles terem conseguido aumentar as correntes ao ponto de permittir serem as mesmas photographadas.

As provas mostram

faiscas sahindo das pontas dos dedos.

No caso de a pelle estar secca o menor movimento dos dedos produz faiscas que podem ser photographadas. Outras photographias mostram faiscas maiores quando se abre e fecha a mão rapidamente.

A EXPEDIÇÃO actual do Com. Byrd ao Polo Sul é no pensamento da maioria das

pessoas mais aventureira do que scientifica, mas no caso dos seus estudos responderem a uma só pergunta, esta será de de valor incalculável.

A pergunta em questão é: Estará derretendo o gelo do Polo Sul?

- Se fôr como se pensa possivel esta hypothesis, será o caso da populaçao das cidades a beira mar, procurarem abrigo mais seguro no

interior porque o derretimento total do gelo do polo Antarctic, formará tanta agua, agora comprimida feito gelo, que o nível do oceano subirá tanta agua, agora comprimida feito gelo, que o nível do oceano subirá 50 pés, conforme os ultimos os ultimos calculos de Sir Edgeworth David, de Sydney, grande explorador e geolista.

Parece haver margem para esta suposiçao, e ter esta existido nos povos antigos, que pro-

curavam o interior no derretimento do Polo na ultima idade do gelo, ha 20.000 annos passados.

Um operario quando procedia a excavacao na Via Pó, em Roma, encontrou 370 moedas de ouro riquissimas dos reñados dos imperadores Nero, Vespasiano, Adriano Tito, Domisiano, Antonin, Pio Galbo, Vitellio e Marco Aurelio.



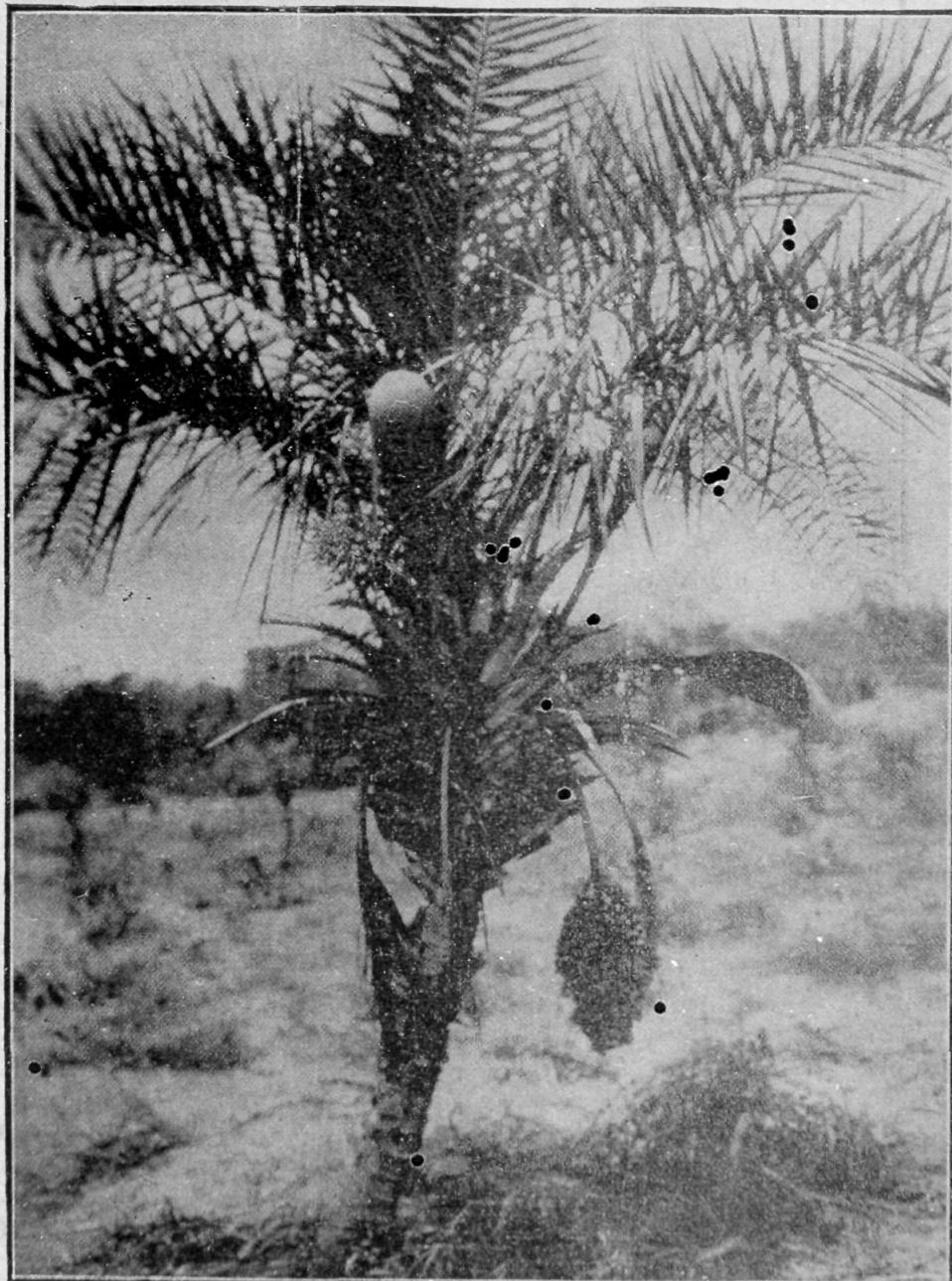
O governo, a quem foram entregues essas moedas, gratificou generosamente o operario

HA mais distancia entre uma tola e um homem de espirito, do que a que o primei-

ro pretende; mas ha menor do que a que imagina o segundo.

O CARACTER essencial do verdadeiro amor é o esquecimento instantaneo e radical de si proprio.

A ARTE para os que não se enclausuram todo nella, como nos muros de um mosteiro, poetisa singularmente a existencia.



O QUE FICOU NA PÓERIA DA SEMANA...

Eleitor...

A ultima quinta-feira foi um excellente feriado inesperado. Havia eleições na cidade e por isso, o commercio, os bancos, etc., não abriram. Mercê dessa circunstancia o jovem marido saiu cedo de casa... para votar. Passou o dia por fóra, não voltou para almoçar e á noite quando apareceu, maldizia matreiramente essa obrigação de cumprir o dever cívico. A jovem esposa acreditou. Nós, porem, não acreditamos, porque sabemos bem onde elle foi votar.

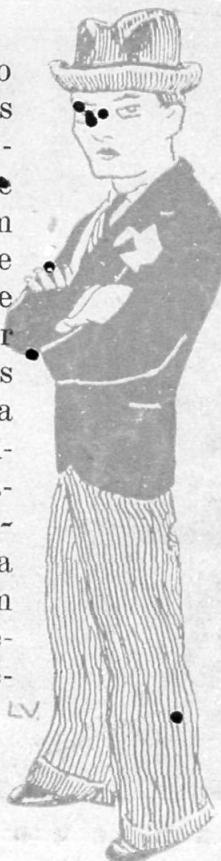
Uma historia...

Quando ella, com o seu lindo chapéu verde e os seus lindos olhos chegou, outro dia, no «Moderno», os olhos claros daquelle rapaz de branco não a perderam de vista. A principio, ella fez-se desinteressada, olhando a fita de frente. Depois, arriscou um olhar de soslaio para o rapaz. E mais outro. E outro mais. Ao fim da projecção, já os dois se entendiam maravilhosamente e continuariam a entender-se se o respeitável cidadão que a acompanhára ao cinema não houvesse por bem — ou por mal — intervir no delicioso encantamento dos dois, levando-a para longe.

Complicações...

O concurso de beleza do «Jor-

nal do Commercio» tem provocado algumas scenas interessantes. Entre as mais sensacionaes, conta-se a daquelle par recem-unido pelos classicos «laços indissoluvels» do matrimonio. Ella queria que a vitoriosa fosse a senhorita Nininha Varêda. Elle torcia pela outra, pela senhorita Connie. Dahi, a complicação. Brigaram, fizeram as pazes, tornaram a brigar para outras pazes e no fim ainda o rapaz teve que transigir, perdendo ainda por cima a importancia daquelle linda caixa de papel que comprou na «Sloper». Mas isso não é novidade, porque lá diz a velha sabedoria: «ce que la femme veut...



Romantismo...

Meia-Noite. Portão largo, enfeitado, de vivenda rica. Elle e Ella. Muito juntinhos. A casa, ao fundo, escura, silenciosa. A felicidade do Amor entre os dois, a cumplicidade da rua deserta. Só o guarda da noite trilava, longe, o seu apito cabuloso. De repente, um automovel inesperado, arrastando-se pelo meio-fio da calçada, com as lanternas apagadas. Um gritinho de susto. Recuo rapido para dentro do jardim. Tudo passou, porem, e elles ficaram a pensar que no tempo do Romeu e da Julieta as cousas corriam melhores porque não havia automoveis indiscretos...

**N o t a s
d e s o c i e d a d e**



M A R I O,

galante filhinho do dr. Luis Estevão de Oliveira, pernambucano, juiz seccional do Pará, e de sua esposa d. Paquita de Abreu Estevão de Oliveira



**Senhorita Hermantinne, da so-
ciedade paraense, em Olinda,
a passeio**

EM certa região da Australia vive m umas aves muito curiosas, ás quais os naturistas de Queenslandia chamam «os doze apóstolos», porque se desunem em numero de doze, sem nunca se dar o caso de estarem mais ou menos do que a duzia. A causa deste estranho facto é inteiramente desconhecida, e escapa a todos as suposições.

Só se tem podido observar, que aninham cada duzia na mesma arvore, e que vivem juntas.

SE se dispara, de curta distancia, uma arma de fogo portatil, contra uma placa de vidro, a bala atravessa a, praticando, apenas, um orificio igual ao seu diametro. Se a placa for suspensa por um



M A R I A D O C A R M O,

galante alegria do casal
Romualdo Silva

fio, ao receber a bala não se lhe nota a menor vibração.

OS adeantamentos na construção dos navios contribuiram muitissimo para a segurança da vida dos marinheiros. Ha quinze annos perdia-se nos naufragios um marinheiro por cada 106; agora calcula-se que não morra mais do que um por cada 284.

S OFFRE-SE mais vezes pela morte de uma illusão, do que pela perda de uma realidade.

DESDE que são amadas, as mulheres reclamam provas, assim como os incredulos reclamam milagres.

OUR ENGLISH PAGE

JEAN LOGSDON'S LOG-BOOK
OF THE GOOD SHIP, "ITAGIBA", FROM RECIFE TO
PARÁ

1/3/1929 to 14/3/1929

1/3/1929. — 2 p. m. left Recife. Said good-bye to mother and father.

8 p. m. turned in, slept all night.

9.15 p. m., Captain said we arrived at Cebedello. Did not see it.

2/3/1929. — Got up, 6 a. m., had porridge and bacon for breakfast.

11 a. m., had a very poor lunch.

12.15 p. m., arrived at Natal and went on the beach with the «old man» for a bus ride.

5.13 p. m., sailed for Ceará.

3/3/1929. — Over-slept myself until 7 a. m., had breakfast and went out on the wet deck, as it had been raining like «cats and dogs» all night.

Had a piece of omelette for lunch and a lump of cake that the cook made for me. Looked all day for a shark, but did not see one.

Played in the afternoon, on the bridge, with the fourth officer.

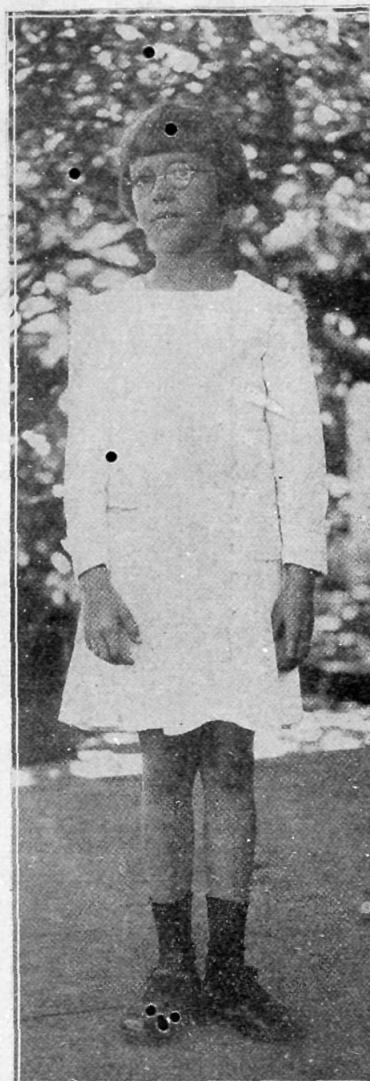
14 p. m., anchored in Ceará bay. Did not go ashore because it was too late.

4/3/1929. — 10.30 p. m. last night sailed from Ceará for Maranhão.

7 a. m. woke up by myself and caught the steward bringing in the breakfast consisting of the usual porridge, cocoa, milk and bacon. I only had an «abacate».

4/3/1929. — Captain has a sore tummy-ache and slept nearly all day.

Had filet and rice and nothing else for lunch. The «Itagiba» is a «starvation» ship!



A YOUNG TRAVELER.

Jean Logsdon, aged 7, was kindly taken by Captain A'Hearn of the "Itagiba", for a trip to Pará and back and we publish, herewith, her diary detailing the experiences of the trip. The write-up is certainly in Jean's handwriting, but we suppose that Captain A'Hearn is largely responsible for its diction.

8 p. m., got into my jolly old «bunk» and fell off to sleep, very quickly.

5/3/1929. — Turned out of my «bunk» at 6 a. m. to have breakfast with the skipper.

Had a shower bath and washed some clothes.

11 a. m. Both uncle William and myself had a couple of kilos of «feijoada» each.

Sailed from Maranhão 2 p. m. Cocoa, milk, hard salty biscuit, as usual and, a chunk of cake.

7.45 p. m., had a hot bath, cocoa and salt crackers and «buzzed off» to bed.

6/3/1929. — When I got up, 6 a. m., found the good ship on the high seas, rolling like «blazes» off the Ilha São João, bound to the Amazon estuary.

During the day, I had some abacates, oranges, beef-steaks and chewed a hunch of cake; played on the bridge, watched the sea-gulls catching fish, washed my clothes and did not see any «piranhas» (fighting fish) or even a shark!

5 p. m. entered the River Amazon. Water very muddy.

8 p. m., sent off to my bunk. Only due, Pará, at 10 p. m.

7/3/1929. — Turned out of my bunk at 6 a. m. to find the good old ship «Itagiba» tied up alongside the quay at Pará. We went ashore at 10 a. m. First thing the Captain wanted, was a «gintonic» so I let him have one. Then we met the Agent, who took us out to lunch to the Rotisserie Suisse. Afterwards, we walked around the town and bought some chocolates and various other things, so bang went my 10\$000!

6.30 p. m., went to dinner at Mr. Vianna's house and played with their children. On board at 9.30 p. m.

8/3/1929 - Mid-night; left Páre for Maranhão.

11 a. m., passed Salinas and the Captain sacked the Pilot!

During the day and especially in my watch, had lots of rain, also heavy sea, right ahead.

Opened the tin of cream crackers given to me by Mrs. Vianna and found them very good.

Went to bed at 8 o'clock.

9/3/1929. — Today, the cook sent me a nice new cake with jam in it; weighed «umteen and a half» kilos.

Spent most of the day painting into my book, which Miss Vianna gave me and remainder, chewing chocolates until there were none left.

Arrived at Maranhão at 1 p. m. Did not go ashore.

Sailed for Ceará at 6.30 p. m. and turned in at 8 p. m.

10/3/1929. — We are on the voyage to Ceará. It is raining and blowing like «blazes».

All day, out of sight of land and, no churches in sight!

10/3/1929. — Am getting a better appetite, so will soon be able to eat «scupper nails».

Lost my doll overboard and the Captain refused to lower the life-boat, so she had to be drowned!

11/3/1929. — Woke up at 6 a. m., expecting to be in Ceará, but did not even see the land, so did not know where we were. I also had a very strong suspicion that the Captain did not know either; any how, we dropped the mud-hook in the port of Ceará at 9 a. m.

At 10 a. m., put on my best togs and went ashore to lunch at the best restaurant in town, if there is one! Had macarão and ate enough to be able to speak Italian.

Went on board at midday and sailed at 2 p. m.

12/3/1929. — Rose at 1 p. m. and had a kipper for breakfast.

Afterwards, washed all my dirty clothes, ready for going on shore in Recife. Packed my boxes and my presents. Had boiled fish and roast chicken for lunch.

At midday we passed the Ca-

nal of São Roque which is a dangerous passage on the N. E. corner of Brazil, but the Captain said he did not care a «dash» anyway. Arrived at Natal at 2 p. m. and sailed at 9 p. m. for Cabedello.

13/3/1929. — Sprung out of my bunk this morning like a «three months old» kitten because I knew it was the day of arrival in Recife. The steam boat was placidly, riding to her anchors at Cabedello but she had not yet been visited by the confounded sanitary authorities!

Had more kippers for breakfast

Sailed from Cabedello at 10.25 a. m.

Passed Ponte das Pedras at 2.40 p. m., arrived Recife at 1.55 p. m. and hugged my mother and father.

LAWN TENNIS.

On Sunday last a lawn tennis match — Club v. W. T. C. — took place at the British Country Club.



The President and Secretary, enjoying English tobacco.

The Club team was composed of Messrs. Nichols, Barnicoat, Vasconcellos, Guimaraes, Gram, and Pearson; opposed to them were Messrs. James, Hill, Ford, Willsher, Shuter and Kenny, representing the W. T. C.

An interesting day's play resulted in a narrow victory for the Telegraph by five to four.

GOLF CLUB.

HANDICAP COMPETITION.

Next Friday, Saturday and Sunday 29/31st. March, two prizes will be offered in competition — one for the best round of 18 holes and the other for the best eclectic score of 18 holes.

Two complete rounds will be required which must be played on different days — the eclectic score will be taken from the two cards.

The better of the two cards will be taken for the stroke event.

As the obtaining of best scores or handicaps is a difficult and lengthy process, handicaps have been given, as far as possible, on comparative merit between players rather than against the «bogey» of the course.

The recent rains have given a great improvement in the course and now that the drainage system has been completed and the ground become more workable, it is hoped to rapidly make improvements everywhere.

It will be of great value to the handicapping committee if the competitions are better patronized and score cards returned.

RUGGER NOTES (COMMUNICATED).

In spite of the fact that two or three new enthusiasts turned out, last Sunday's trial showed a distinct improvement on the first game of the season. This was notably evident in the passing of the three-quarters, whose handling is now not quite so uncertain and will undoubtedly improve still more, when the halves

to give them an opportunity for doing so. It seems a great pity that Pernambuco's halves, after making openings, for them, time after time, stick to the ball and "die with it". This not only ruins their own and their forwards stamina, but keeps four men, expressly picked for their scoring power, kicking up their heels instead of making valuable ground.

There still seems to be a great reluctance on the part of many players to employ any but the strangle tackle, which, besides its liability to crock a player for some time, is only asking for a richly deserved hand-off and the escape of the opponent. Surely to go low, is not as difficult as all that!

The forwards kept up fairly well in an unusually fast game; unfortunately, one or two of their regular players were not present to stiffen them and the packing in the "tight" was, at times, shocking.

Mr. A. E. Emerson refereed for the first time and refereed very well, although he was perhaps a trifle too lenient.

We are informed that Berry's "rugger bags" contain three meters of "brim" and we are asked to give publicity to the fact for the benefit of others.

WEDDING BELLS

We have pleasure in announc-

CÊRA D'OR PARA DENTE Dr. LUSTOSA

cing the intended marriage of Mr. Innes Gent of Wilson, Sons & Co., and Miss Urquhart of St. Margaret's Parish, Westminster.

The wedding is arranged to take place at the British Church, Pernambuco, on 6th. April.

OBITUARY.

It is with great regret we have to announce the following deaths:—

CAPTAIN WILLIAM DOUGLAS — Captain W. Douglas died in Scotland on the 14th. March after a short illness. He was Commander of the C. S. "Norseman" in the service of the Western Telegraph Company, having succeeded Captain H. O. Barter, R. D., R. N. R., when the latter was placed on the retired list, last year. He had been in the Cable service over twenty years and had served on all the three ships of the Company. He was a most efficient officer and his unfailing kindness, straight-

forwardness and keen sense of humour endeared him to his fellow officers of the marine staff and his colleagues of the shore staff and, he is sadly missed.

He leaves a widow and one child, to whom our deepest sympathy is extended.

MR. G. F. MARDOCK. — Mr G. F. Maaddock died in a Nursing Home in London last month.

He was retired from the service of the Western Telegraph Company some few years ago.

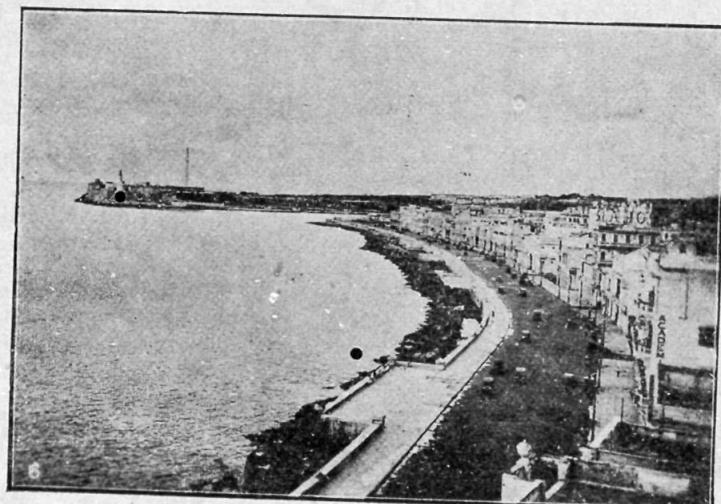
Mr. Mardock leaves a widow and two children of whom one, the daughter, is the wife of Mr. C. Bruce Gee of the Western Telegraph Company.

Our sincere sympathy is extended to them.

ENTERTAINMENT SOCIETY.

We are authorized to state that the play entitled "Tons of Money", will be produced by Mr. Ling as soon as possible. It has been postponed from the intended date of presentation, owing to a revision of the cast brought about by the recent motor-car accident.

The Pierrot show, being produced by Mr. King, is well advanced and we hope to make an announcement, shortly, as to the date of its presentation.



O MENINO ENFERMO

C O N T O R U S S O D E I. L. P É R E T Z

I. L. Péretz nasceu na Russia, no anno de 1851.

Escreveu em yddisch e hebraico, contos, legendas e dramas que se inspiram geralmente na vida dos Chassidim. Autor de "Bonchté, o Silencioso", "Escriptos", alem de muitos outros livros, dentre os quaes, diversas colectanas de poesias, das quaes destacam os "Contos deste tempo".

MÃESINHA, quero revelar-te um segredo; mas, antes de tudo, que papae não o saiba!

Perguntas porque? Porque papae não me estima tanto. Não, mÃesinha; pecco falando assim... Não é MENOS que me estima: é de modo diverso... pois elle é pae, é mais severo.

Papae tem a barba longa A face de um pae não é para ser acariciada, como a face setinosa de mamãe; tem outros olhos, olhar bem diferente... Quando me olhas, tem os olhos tão bondosos e tão affectuosos e compassivos: és mÃe e companheira ao mesmo tempo. Para comtigo não posso ter segredos. Tu mos serves do coração com teus olhos.

O olhar de papae é bem diferente. Sempre sério, apparentamente frio. Não, mÃesinha, sÃo olhos diferentes, bem diferentes.

Quando eu era creançã não temia tanto papae. Lembro-me como lhe pulava nos joelhos, despenteara-lhe os cabellos, desemmaranhava-lhe e trançava-lhe a barba, puxava-lhe os labios, e quando elle queria lançar-me um olhar severo, apertava-lhe as palpebras e cerrava-lhes os olhos... Hoje não posso...

Uma vez, ouves, mÃesinha, uma vez, quando doente, acordei, estaveis ambos ao pé da minha cama... tu choravas em silencio, tão suavemente silenciosa... e papae... O semblante de papae estava horrivel... Vi que naquella hora odiava Deus.

De medo cerrei novamente os olhos.

• Desde então, não posso, como dantes, aconchegar-me a papae... Algo me detem...

Muitas vezes meu coração quer saltar, quer correr-lhe ao encontro; mas, não posso.

Julgas que gosto menos do papae... Deus me defendá!... Quero muito bem a papae; dia a dia de instante a instante se me torna mais querido... Quando se approxima de mim, meu coração palpita de alegria, minha alia a estremece de esperança: ei-lo que vae tocar a minha mão, ei-lo que me vae apertar ao peito...

Comtigo não estremeço; tu sempre e invariavelmente me queres bem... Sempre tens tempo para attender-me; abraças-me e beijas-me a cada instantte; és mÃa, sempre minha... Papae tem tantas preoccupações...

Bem sei que elle se esforça para que nada me falte.

Já, mÃesinha; queres saber já o segredo?

Tenho vergonha!

"De uma mÃe, — dizes, — não se deve ter vergonha..." E' verdade... Entretanto...

Sabes uma coisa, mÃesinha?

Senta-te aqui, nea cadeira, em frente á janella. Está bem assim! Confo é bello o pôr do sol! Como é bello o esbater dos ultimos raios, levemente avermelhados, sobre a sua delicada e pallida facel...

Espera... Agora vou sentar-me aos teus pés... para que não me fites o rosto durante o tempo em que te fallar...

Sentar-me-hei no teu cabello, olhando através da janella...

Não; assim não está bem!

Teria vergonha do sol...

Estás vendo: ao meio dia elle é ardente, á tarde despede-se de nós tão tristemente, que tenho até vergonha de falar de mim...

Reclinarei a minha cabeça no teu collo... cerei os olhos... e tu, põe ainda a tua mão sobre a minha fronte...

Não achas pesado, mÃesinha, o ter-me no teu collo? não achas?

• Deseseis annos tem o teu filho, e tem a cebecinha tão pequena, tão leve... e todo o corpo...

• Não suspires, mÃesinha! Deus não deixou de dotar-me... Se me deu pouca carne, deu-me em compensação muitos outros dons... a ti, a papae... dias e noites, sonhos admiraveis... e hoje um segredo... Agora nada vejo... Com os olhos cerrados talvez possa contar-te...

Vou tentar...

Parece nada, uma trama de alguns raios admiraveis, e, entretanto, pesa como uma pedra sobre o peito... não como pedra de granito, não é pedra da rua ou do campo... é uma pedra preciosa... resbrilha... e reluz...

Está no intimo do meu coração e emana por todos os membros tanta luz, tanta luz acariciadora, aquecedora e viva!...

Que não se apague, mÃesinha!... Ha tantas que se apagam!...

Ouve, mÃesinha! Não; espera! Não posso assim de prompto abrirdar o assumpto...

Mas, ouve!... Lembras-te, mÃesinha?... Deste-me hontem algum dinheiro... Estás lembrada?

Não gastei nada ainda, já me falta... Falta-me uma moeda de dez Kopeck.

Si a perdi?... Não... pois é para os mendigos, para as creanças pobres que encontro nos meus passeios, que me dás o dinheiro... E o dinheiro dos pobres não posso perder.

Se a dei a alguém?... Certamente.

Se foi a um pobre... Não o sei!... Talvez sim, talvez não!... Ouve, e talvez tu pessas compreender... Hontem tambem o sol se deitou lindamente... talvez mais bello ainda... Ensinaste-me a observar... Observo e vejo o que os meus semelhantes não veem...

Eis porque faço os meus passeios geralmente sozinho... Passeiava, então, nos arredores da cidade junto ao rio, donde, como sabes, se avista a cidade toda. As casas erguem se altas, cada vez mais altas, umas superpostas ás outras, e mais outras e outras... As que estão mais longe, desejam lançar um olhar por cima das outras, contemplar o Kosmos, e quanto mais longe mais altas se erguem, o sol, ao esconder-se, olha-as alongando sobre ellas os ultimos raios... despende-se... beija-as...

E vejo como as sombras correm a traz dos raios deitando-se densa, cada vez mais densamente; correm, embebem-se e immergeem em tudo que podem; enchem todos os vãos, entra as casas de madeira, todos os cantos livres entre os edificios de pedra...

Soergem a ultima luz avermelhada, tangendo-a para o alto, bem para o alto, novamente para o céo!

— Ao vosso jazigo, raios!... Chegou a nossa vez... Boa noite!

E lentamente escurece, cada vez mais e mais... O céo torna-se profundo, cada vez mais profundo... Para logo, accender-se-hão as estrelas, uma após outras... Assim, contemplando, cheguei até á rua dos Marceneiros, á rua do fundo, que desce cada vez mais até ao rio, pouco distante da Grande Synagoga.

De dia ella tem um aspecto sombrio... pobre maltrapilha... soturna... As vidraças partidas, que aranhas buscam piedosamente tecer e tapar... E de frente, no monte, no principio da rua, elevava-se a alta e ponteaguda egreja... e ri!...

A' tarde, a Synagoga tinha aspecto bem diverso.

Da primeira vez que a vi assim, envolta em leve e meiga nevoa azul escura... as janellas quebradas já não estavam cegas... Miravam seria e profundamente o mundo, além... As cimalhas, no alto, viviam, quasi se moviam... Alguns leões da cimalha queriam desprender-se da parede...

Ei-los que vão começar a rugir!

Pensas que é esse o segredo? Oh! não, maezinha!

Foi somente agora que vi isto com os olhos de hontem!

Ah! maezinha, se eu fosse rico!...

Que faria?

Reconstruiria a Synagoga!

Quero que ella tambem fique alta, elevando-se para o céo... E porque esteja em lugar mais baixo, tem que elevar-se mais! E que tenha cupola de ouro e janella de crystal!

Ouves, maezinha, eu penso assim...

Podemos passar sem Synagoga. Deus acha-se em toda a parte... onde cæe uma lagrima, elle a vêla

Em qualquer parte onde alguem levante o olhar para elle, elle o nota; onde suspire um coração triste, elle o ouve... Mas, quando se tem uma Synagoga, ella deve ser alta, bella e radiosa, imponente.

Assim tambem estava pensando hontem.

Subito, vem-me aos ouvidos um pranto... um pranto silencioso e triste... doce e triste... tão enternecedor!...

Tu, quando tocas, tiras as vezes, do piano um pranto identico.

E eu, meditando, maezinha, para dizer a verdade, desejava suppor (e por isso não voltava a cabeça, propositalmente), para poder continuar a crer, sempre mais, que era da Synagoga que vinha o pranto... que lá dentro, envolta em uma leve nevoa azul, existia a alma da Synagoga chorando e soluçando.

E ella se queixava porque o sol não a doava... porque derramava feixes inteiros de luz aurea sobre a cupola da igreja, e lhe era avara de um raio...

Em, pleno, bello e claro dia, como uma esmola, apenas lhe atirava um pallido raio... E esse mesmo deslisava e fugia, á sorrelfa, como envergonhado!...

Entretanto, não era a Synagoga!

* * *

Era uma menina... Estava genuflexa sobre a areia, procurando alguma coisa e chorando...

Quando voltei a cabeça, avistei somente o seu vestidinho velho esgarçado, qual mancha cincento-escura sobre a areia amarela... um par de sapatos acanhados!...

Vi mais alguma coisa...

Maezinha, tenho vergonha... Sinto-me tão elevado... Imagine uma onda de cabellos cor de flamma... Lançava faiscas...

— Porque choras, menina? Que procuras na areia?

Sabes?... A mãe lhe dera uma moeda de dez Kopeck, e a mandara comprar alguma coisa... Alguem, passando batera-lhe na mão, e a moeda cahiu na areia... E por isso estava chorando... Perguntei se a moeda era das de cobre ou das de prata...

— Branca — disse ella, sem siquer voltar a cabeça...

— Ajudar-te-hei a procura-la... disse eu.

Abaixo-me, finjo a procurar, e achar uma moeda branca.

— Ahi tens.

Ella saltou de alegria, com um movimento de cabeça jogou para traz a onda de cabellos ruiços, e como através de uma nuvem, surgiu um rosto minusculo, niveo como alabastro...

E uns olhos maezinha... uns olhos!... Não, maezinha; os olhos não to posso descrever, descrever!... Refulgia nelles tanta alegria!... A noite toda sonhei com aquelles olhos!... a noite toda!... Eis ahi, maezinha, todo o meu segredo.

Sorris?

Não rias, maezinha; taes olhos nunca o esqueci...

Maezinha...

Ser-me-ha permitido passear na rua dos Marceneiros, contemplar... a velha Synagoga?



(F. Rebeilo)

**Andor do São Bum Jesus
dos Passos**

Um severíssimo revez acabam de experimentar os jogadores de «rugby» alemães, berlinezes, em frente aos parisienses, no stadium de Colombe, por 41 a 0.

Ainda que esperado antemão, não se acreditou nunca que o team de Paris obtivesse um

resultado tão esmagador.

A recordação da boa actuação dos jogadores alemães frente aos franceses em 1919 e em 1928 fez suppor que os

«quinze» de Berlim oportariam uma tenaz resistência aos de Paris.

Alguns criticos desportivos depois de tão avultada derrota, arguem que o quadro berlinez

não representava o ex-poente do rugby alemão. Tampouco porém representava o valor do rugby francês o conjunto parisiense, posto que neste não se encontrava nenhum jogador da zona Sudoeste da França que é onde estão os melhores players desse paiz.

O RECIFE se habitou a ver, durante annos seguidos, na semana santa, films da Vida de Christo nos seus diversos cinemas. Era sempre a mesma obra, envelhecida pelo tempo, gasta nas cores, pobre nos ambientes, deficiente na technica, mas que a piedade do povo acatava com sentimento, porque via nella apenas a lembrança grata do Salvador cujo sacrificio pela humanidade se recorda na grande Semana nō anno.

Nunca o público do Recife negou a sua assistencia a essas reproduções defeituosas da grande tragedia do Golgotha.

Este anno porém, o facto não se dará assim. O Recife vae poder ver, ao mesmo tempo que a mais bella adaptacão do apostolado de Christo sobre a terra, a mais bella obra que um cerebro humano já concebeu ou já realizou para lembrar a passagem sobre a terra do Divino Nazareno. A Paramount começará a exhibir quarta-feira Santa «Jesus Christo O REI DOS REIS», a maravilha cinematographica devida a Cecil B. de Mille e que será entre nós, alem de tudo que se possa dizer sobre outros films, o maior sucesso cinematographico, não da temporada mas do anno.

E' uma homenagem singular da marca das estrellas. Homenagem que ella presta ao espirito catholico da populacão do Recife, homenagem que presta á Egreja, homenagem que presta a toda a christandade, homenagem que presta á memoria da grande tragedia biblica, no periodo em que a humanidade em peso a recorda compungida.

Quarta-feira, 27 de marzo, vae assignalar o inicio do maior sucesso já visto entre nós em cinema.

* * *

Fazemos aqui um pequeno resumo do que sobre o film «O REI

DOS REIS», a grandiosa producção de Cecil B. de Mille, disseram os que primeiro a apreciaram, em sessão especial ou na

noite de sua faustosa estréa, em Nova York. Alguns dos personagens aqui mencionados são profissionaes nas letras norte-ameri-

« J E S U S C H R I S T O



(SERÁ EXHIBIDO NA SEMANA

canas, outros pertencem á imprensa; tambem os ha presidentes de universidades, doutores da egreja, figuras de proeminencia no palco nacional, representantes de centros catolicos e ministros de varias seitas, os quaes testemunham unanimemente as excellencias de arte e de technica do grande film.

• PADRE JOHN J. WYNNE, EDITOR DA ENCYCLOPEDIA CATHOLICA—Si

aquelles que, em seculos passados levaram á scena theatrical O DRAMA DOS MILAGRES tornassem á vida, apreciando o film O REI DOS REIS, veriam então um verdadeiro prodigo — aquelle jogo de luzes, a sua accão, a sequencia precisa dos acontecimentos, a escolha dos incidentes, tudo, enfim que concorre para o surprehendente triumpho que vemos neste film — a maravilha dos films.

R E I D O S R E I S »



ITA NO THEATRO MODERNO)

JAMES R. QUIRK, REDACTOR DO PHOTOPLY MAGASINE—Indo ver O REI DOS REIS ainda que para isso tenhaes de deixar para outra noite um sermão ou uma cerimonia religiosa na vossa egreja favorita Cecil B. de Mille vos dá pa esse film o maior exemplo christão de todos os tempos. E tamанho é o poder dessa obra que eu, si o podesse, me aventuraria a retirar os missionarios que temos na China, na Africa e outros pontos afastados do globo e para lá mandaria as copias que fossem necessarias do film Cecil B. de Mille. Estou certo que a christianização desses paizes se daria muito mais depressa, por que O REI DOS REIS é um exemplo e um milagre em si mesmo.

MRS. MARGARET MC ALENAN, DO CONSELHO DE EDUCAÇÃO PUBLICA DE NOVA YORK — Assisti hontem, á noite, a convite do director B. de Mille, á exhibição do film O REI DOS REIS. O espetáculo é de veras surprehendente e impressionante — e mais do que isso: é maravilhoso! O assumpto foi tratado com a maestria a que devemos todas as obras primas. A impressão que colhi do film foi a mais agradavel possivel.

RABBI ISRAEL GOLDFARD DA CONGREGAÇÃO BETH ISRAEL ANSHEI — O director B. de Mille levou a effeito uma preciosa contribuição á arte historico-dramatica do cinema. Feito com tal perfeição e em cōres tão reaes, este veneravel drama biblico surge-nos á vista magnificamente novo — a despeito dos seus 2.000 annos de existencia.

DR. JOHN A. MARQUIS, PRESIDENTE DA MISSÃO NACIONAL PRESBYTERIANA — O film O REI DOS REIS foi o espetáculo cinematographico mais precioso que já vi. E desejo ao trabalho do director B. de Mille uma divulgação universal, para que todos os paizes possam compartilhar das bellezas dessa obra prima do nosso cinema.

Esse film será exhibido na proxima semana santa no THEATRO MODERNO.

— A mulher tem des-sas exquisites...

E a outra, a fulva de gadêlha de trigo sazo-nado, virou mais o "abat-jour" roza, co-ando a tonalidade da luz sobre os dous ros-tos brancos...

— Tive o maior col-lar de conquistadores, (continuou), o mais ampliado circulo de ho-mens a me farejar esta belleza physica do meu corpo que ainda hoje (sei lá !...) mesmo sob a pressão dos trinta ja-neiros bem floridos, é a fonte inspiradora das paginas litterarias do sr. meu marido.

Só depois daquella noite de baile, tive a noção do momento de loucura que aquelle phi-losopho disse se apo-derar do nosso cerebro uma vez por dia.

Na hora do chá, entre um «rag-time» e um «tow-step», sentámos á mezinha, o dr. Lucio, medico, com 25 annos e um physico insinuante, o engenhei-rando Abrantes e o ne-gociante Helladio Vi-çozza, o ultimo da triade dentro de cujo halo de adoração, nessa noite memoravel, voejei, ca-tita, como a libellula que adora a luz que a aquece mas que saíta ao longe para que o calor da lampada lhe não toste o rendado das azas tenues.

— Defronte, na me-zinha de marmore, no vertice esquierdo, estava «elle» a creança de 17 annos, de fronte escal-vada pelo vento precoce do turbilhão dos sonhos, olhar sombrio e fagu-lhante, languido, ao mesmo tempo e mo-

lhado, onde parecia boiar uma volupia mor-bida de insaciado ou uma macabra libidino-sidade, dessa que faz nascer em derredor da

orbita dos seus olhos, o arroxeadão-violêta das olheiras que é o marco da transição do trecho da meninice para o aureo periodo da ju-

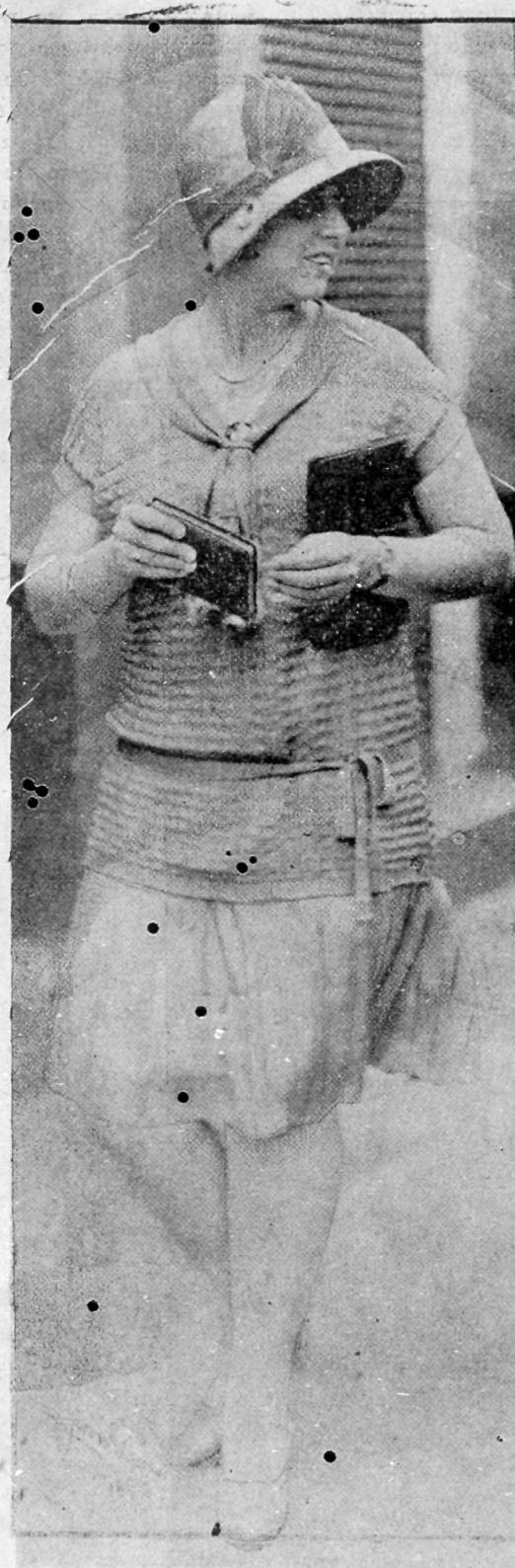
ventude, em que a alma humana, eivada de mil crenças, espia a vida pelas coloridas lentes da Phantazia.

— Confesso: nem a esmeralda do dr. Lucio, nem a saphyra do dr. Abrantes nem o fais-cante chuveiro conden-sado em brilhantes do Helladio, me deslum-braram a minha alma de mulher, «avis-rarà» acclimada ao sumptuoso dos tapetes turcos, ao reflexo dos «biseautés» e ao brilho das gem-mas...

— Sei lá !... Aquella harmonia de feições, aquelle athicismo physi-onomico, eram uma reunião de qualidades actuando psychicamente sobre o meu cerebro. Não sei se os olhos, os dentes aflorando na bocca rasgada e mas-cula, se os cabellos, fios de ébanos, floresta negra revoltâ pelo tufão da sua adolescencia ver-de, vigorosa.

— Bellas mãos; pes-coço de Hercules infantil. Era talvez o con-juncto que seduzia a vista, deprimindo o es-pírito. E terminado o chá, que suguei como um nectar, e os biscoi-tos que devorei como uma ambrozia celeste, juro-te, que fiz ?

— Exquesita ! — dirás — louca ! — afirmarão os despeitados concur-rentes daquella noite feliz; — insensata ! — di-rão as mais ajuizadas, se é que alguma de nós já teve juizo nesse delicioso instante da Vida em que dentro em nós se degladiam dois luctadore romanos: o Amor, sentimento e o Amor, paixão !...



UM SORRISO SUAVE

— Insensata ou louca, exquisita ou romântica, nunca esqueço aquelle rosto, uma das chapas que eu diariamente revelo na camara rubra do meu coração... Ah! mocidade, perspectiva iludente, miragem semi-real que não compensa a abundancia das urzes deste valle de dôr!...

Na placa da minha retina, nunca te apagáras, corpo de Appolo, cabellos de Samsão, cabeça de artista, caprichoso como uma criança, original como um louco, vaidoso como uma mulher!...

E sulcando a face num leve frangir do labio:

— E assim. Depois, os homens nos dizem esphynges quando somos imagens simples e decifraveis. Explique-me um psychologo essa aberração da preferencia que eu reputo um caso teratológico, elucidem o philosopho a ver a razão deste efeito sem causa conhecida e eu silenciarei.

A morena, tez de jambo tostado pela ardência de um imperitente verão, afogava os minusculos pés na juba loira do leão da estampa do tapete turco, olhando o relogio de ouro que lhe enroscava o braço alvíssimo e roliço...

— E é assim a Vida. Ha sempre dentro em nós um typo esquisado talvez pela mão do Destino no papel indelevel da imaginação, e vemol-o em todo logar como a cara do Sol, depois de fital-o muito. E um impressão que

não se apaga. Vejo-o na sala, quando estou ao piano; no theatro do centro da ribalta; á meza, entre os jarros de flores, quando comemos; nos passeios quando vou com as amigas; em casa, entre o berço do meu filho e o meu leito conjugal. Nós, quando moças, em geral, por mais ampliado que se tenha tido o circulo de amados, qual o que ousará nos ocupar a lembrança, uma vez casadas? Nenhum; só o esposo que é o nosso unico bem, só o filho que é a nossa Vida... O mais... São nuvens que se adelgazaram no dia do compromisso, cada vez mais

se tenuizaram com o approximar do dia do juramento, esfumandose e desapparecendo com a realidade positiva da união por Deus e pela sociedade dos homens.

— No entretanto, esse, não corno em dize-lo, já está comigo inerente á minha imaginação e é a imagem do meu filho. Não é um ser, é um idolo; não é uma sympathia, é um culto; não iuspira ciúme, provoca respeito; não interrompe a felicidade conjugal, antes consolida-a, porque me ensina a querer mais e mais ao meu filho que é a sua imagem.

Um medico já me explicou a influencia

psychologica da imaginação e suas imagens sobre a formação physisca da creatura. E' o modelo psychico dando forma ao fructo phisiológico.

Os seus olhos são os do meu filho, o seu sorriso é o dele...

Não rias, minha amiga, nesta agradavel hora de sesta, em discutirmos assumptos tão intimos e de que entendemos tão pouco.

Esse typo que lhe venho de pintar, não vive, nunca existiu... vive, ao contrario dentro em nós, nós todas o creamos á nossa bela imaginação no começo da Vida, e vamos ao fim della sem o conhecer, sem tocal-o... E' o modelo espiritual por onde aviamos a Belleza relativa de tudo e de todos, como o physisco extrahe no aereometro o peso específico de um corpo. Os sentimentaes chamam — o primeiro sonho — as moças, o primeiro amor — chamam os scepticos, Phantasia; os velhos acham que é a primeira folha que nasce e não fenece na carne colossal da Vida.

A morena, de cabellos de azeviche, sentenciou, mostrando o collar das maxillas: — E' a Perfeição, o mytho que embevece a humanidade...

— Seja — respondeu a fulva. E abaixando a pantalha:

— Eu chamo o Ideial, que nasce na juventude, primavera da Vida, e morre somente comosco na velhice que é o Inverno dos annos...

MIZZAEL SEVERYANNO CARDOSO



Enlace Zara Cunha Rego—Waldemir Miranda

POEMA DE UM OUTRO INVERNO

Hontem. Chovia., A Noite esfallecêra
e, entre um calix de absintho e uma fumaça
de meu cigarro, me encontrára á espera
de qualquer coisa que só rima com desgraça.

Fóra a Chuva cantava na vidraça...

Allucinada e brava,
torcia as arvores, na praça, a Ventania
ululante, colérica, gemente.
E a Noite morta, enregelada, fria!
Ribombavam trovões. E o Orbe em trevas immerso
E a aftlicção solitaria de meu Verso
que o olho atroz do relampago espiava,
sinistramente,
emquanto eu escrevia!...

Lá fóra fustigava as arvores da praça,
emquanto a Chuva ia escorrendo na vidraça,
allucinadamente, a Ventania.

E, entre um calix de absintho e uma fumaça
do meu cigarro,
o teu perfil junquihce e bizarro
no meu Verso, em saudade, amoravel, sorria...

A U S T R O - C O S T A



MISS. PERNAMBUCO

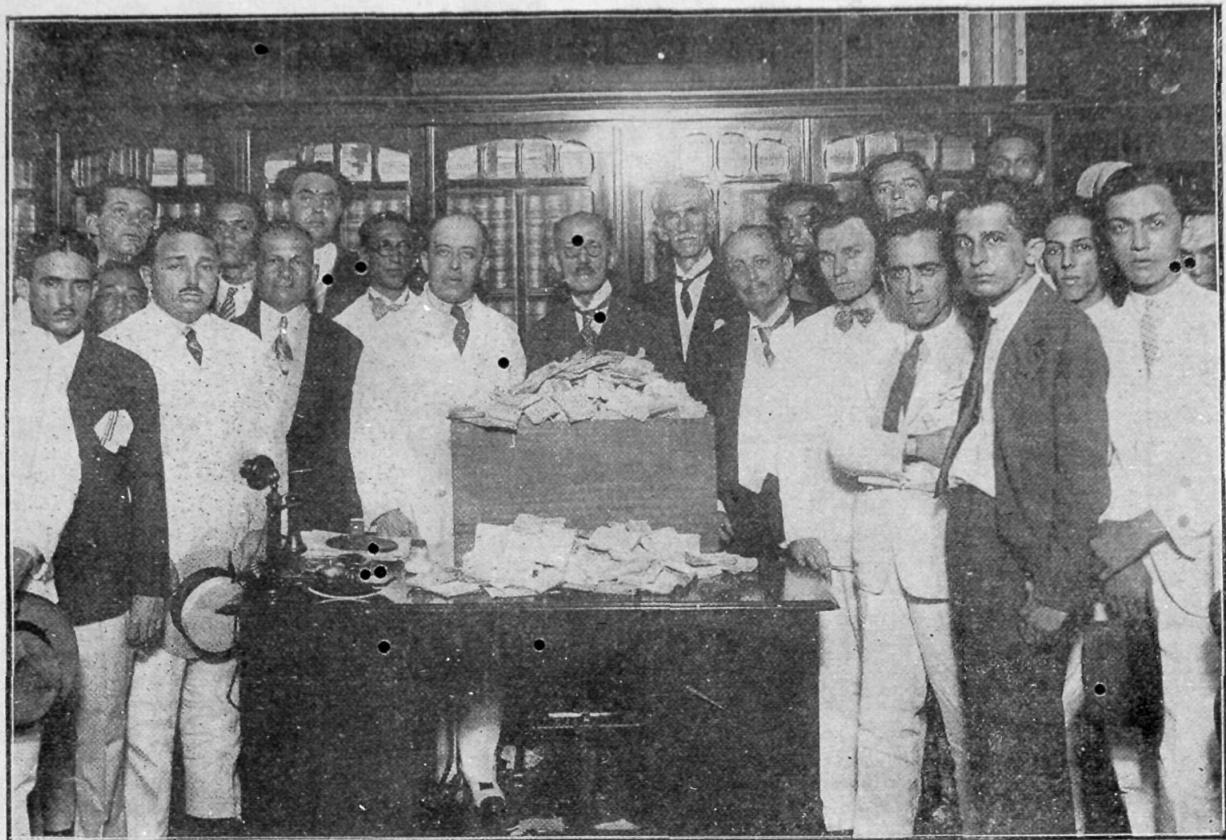


Senhorita CONNIE BRAZ DA CUNHA,

eleita Miss Pernambuco no concurso promovido no Brasil pelos nossos confrades da *À NOITE*, do Rio, e de que foram representantes em Recife os nossos confrades do *“Jornal do Commercio”*. A senhorita Connie Braz da Cunha nasceu em nossa capital no dia 14 de Julho de 1911, tendo, assim, 17 annos e um lindo typo da mocidade feminina pernambucana.

(Pose especial para os nossos confrades do *“Diario da Manhã”*)





Na redacção do "Jornal do Commercio" por occasião da ultima apuração que proclamou vitoriosa a senhorita Connie Braz da Cunha



Miss Pernambuco, no dia em que foi eleita, entre amiguinhas que a foram cumprimentar pela victoria



Um instantaneo de Miss Pernambuco

A Contramestre

Por muitos anos, foi a «lapinha» uma das mais queridas diversões populares desta capital.

Diversão? Sim, di- versão. Não obstante seu carácter religioso lembrando o nascimen- to de Jesus, toda «lapinha» terminava em ceia lauta e dansas animadas. Até mesmo famíli- as respeitáveis gostavam de «lapinhas» e se com-

mentavam o arrojo dos seus queimas, a distin- ções de suas pastorinhas e abundâncias de suas mesas. Mais tarde che- gou o pastoril mercená- rio e pouco serio, e a lapinha resumiu-se á pal- lida tradição.

Mas atenho-me no caso.

Foi alli á rua Nova. Simpl's estudante, apro- veitei uma noite de sab- bado para ver um dos mais ruidosos queimas de lapinha. Cheguei-me ao «sereno» e contem- plava suando, de pes-

coço esticado, os cor- dões que dançavam, du- as filas de mocinhas de- ante de um presepio.

A frente da casa se arregimentavam os dois partidos numa atitude de victoria. José Ferrei- ra da Trindade, verda- deiro talento oratório e poético, trahido pela vi- da hostil da região ama- zônica, chefiava o «en- carnado». De pé sobre um caixão de kerosene, lenço vermelho no pes- coço, vibrava:

— As flores que or- nam a fileira do cordão

encarnado têm um bra- vo!

E os correligionários respondiam com todas as forças dos pulmões:

— Bravo!

Immediatamente o chefe do «azul», com- mandava:

— Um viva ás pero- las que «abrilhantam» as cores do cordão azul!

— Viva!

O Trindade revidava:

— As pastorinhas mi- mosas que se vestem com as cores do manto luminoso da aurora, têm mais um bravo!

— Bravo!

O chefe contrario re- batia:

— As pastoras que se enfeitam com as cô- res do manto da Vir- gen tem um bravo acom panhado de palmas!

— Bravo! E as pal- mas estalavam ruidosas, prolongadas:

Assim continuava o du- ello; entretanto o cor- dão azul estava coheso, mais vigoroso, mais ani- mado. Dava-lhe toda a forga, todo o calor, a pessoa da contra-mestra figurinha viva, enxae- cida por sua beleza, por sua mocidade. Ostenta- va rico traje combinado com setim branco e azul. Os cabellos amarellados prendiam-se em linda grinalda de florinhas azues. O seu dançar era dengoso e subtil, graci- cioso, e o conjunto de seu vestido arrebatou o chefe do azul que trô- vejou este brado:

— Combinação primo- rosa de nuvens e de céo- do vestido da contra- mestra têm três bravos:

— Bravos!

— Bravos!

— Bravos!

E como a mestra ti- vesse, esmeradamente, dançado uma valsa, o Trindade ordenou:

— Um viva ao pisar suave e angelical da mestra vitoriosa!

— Viva!

No meio do entusias- mo, porém, um exal- tado proferiu um «mor- ra». Num momento tu- do girou, tudo se mo- vimentou num explodir da desordem. Nada fi- cou parado: cabeças, bocas, braços, bengalas, pernas... especialmente as pernas medindo elec-

tricamente a extensão da rua Nova! . . .

Então se manifestou a polícia conseguindo verificar a exactidão de três ou quatro cabeças raxadas e realizar três ou quatro prisões.

Tudo serenou por fim.

Eu, que me acolhera a um canto enquanto passava a tempestade, fui violentamente agarrado por um braço:

— Vamos pr'a dentro! . . .

Era o Néco Caboclo, mixto de bohemio e de borracho, muito amigo de estudante e de cadeados. Dizia-se muito meu apreciador e vez por outra me visitava para arrumar-lhe trabalho ou comprar-lhe um curioso de «Goyana puro» que jamais cantava!

Relutei; — não conhecia a dona casa, não estava de festa...

— Nada, vamos, vae comigo e aqui eu sou dunga!

— Mas Néco...

— Deixa de dengue.

E arrastou-me. Nisto recebeu um encontrão e obserpou ao imprudente

— Mais devagar com a Fuça...

O outro respondeu mal e Néco cresceu:

— Olha! Eu me chamo Manuel Izaac Vero, vulgo o peri-go-so; quem se metter comigo, não ganha; se ganhar, não leva; e se levar...



Senhorita NININHA VAREDA,
votada em 2.º lugar no con-
curso do "Jornal do Commercio"

O outro recoueu e eu entrei, sendo com todos os requesitos da pragmática do Néco, apresentando e recomendo dando á dona da lapiinha.

Ali presenciei a importância da contra-mestra: alferes, comerciantes, caixeiros, estudantes, disputavam-lhe uma palavra, um sorriso. Passou-se ás ventas; nem me viu, porém cahindo-lhe o maracá, recolhi-o e entreguei-lh'o. Então ella, com um dos seus sorrisos, me agradeceu.

— Não precisava a incomodar-se...

A's duas da madrugada queimava-me a alpinha, ao canto lamuruento.

«Accendei, fogo, accendei», e ao estrugir de foguetes e vivas.

Após pequena pausa ia servir ás pastorinhas a primeira mesa.

Consternação! . . . A contra-mestra tinha desaparecido! Chamararam-n'a, procuraram-n'a por todos os recantos.

Acharam-na? Poderia ter fugido com um cabo do 27!

Ficaram ás tontas e foi o Néco que salvou a situação:

— Cuidemos de nós que, da contra-mestra alguém já está cuidan-se od:

CAROLANO DE MEDEIROS



Miss Pernambuco entre seus afilhados da APA, que tanto trabalharam por sua vitória

O poéta das colmeias

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, tu que chegaste,
 Um dia,
 De cantor do luar, de trovador da UMBRIA
 A rouxinol do amor,
 Dá que possa cantar as coisas que cantaste
 Meu pobre coração, que é, tambem, trovador.

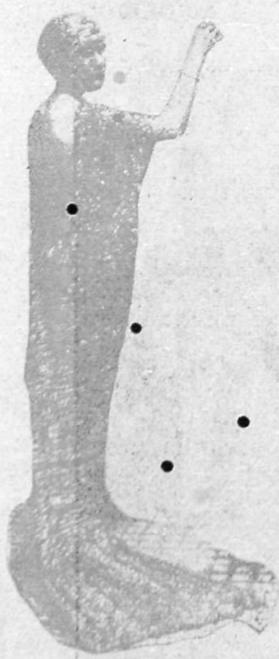
SÃO FRANCISCO DE ASSIS,
 Tú, que, nos ramos embalaste as azas
 Dos passarinhos,
 Em canticos suaves,
 Em doces orações,
 Fala, tambem, apostolo das aves,
 Ao passaro azul das minhas illusões.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, poeta das colmeias,
 Tú que levaste as mãos cheias
 De flores
 Para as bôdas da abelha rumorosa,
 Dá-me, tambem, do mel dos teus potões de rosa.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, namorado do sol,
 Em que vias brilhar um sol divino,
 Faze manhã as sombras do arrebol
 Que envolveni o meu destino.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, no teu burel tristonho
 As andorinhas vinham socegar...
 Socega essa andorinha do meu sonho,
 Que não quer se aquietar,

SÃO FRANCISCO DE ASSIS,
 Tu que fizeste abrir
 Rosas em palma
 No espinheiro da estrada, por encanto ;
 Tu que tiveste a flôr das cinco chagas
 Desabrochando no teu corpo santo,
 Transforma as minhas penas em roseiras
 E aquelle grande amor em mél para minh'alma.



PALMYRA WANDERLEY

M U S I C A

A senhorinha Maria Luiza Vaz, é mais do que uma auspiciosa promessa: é uma quasi realidade. Os que a ouviram, em a noite de 14 do corrente, no seu recital de despedida, devem, por certo, ter tido o prazer de applaudir, com entusiasmo, a jovem e futuosa pianista.

As suas caracteristicas pesssoaes de executante, revelam bem o incontestavel pendor, a tendencia clara, de uma organisação fadada a seu triumpho artistico não muito remoto.

A sobriedade de attitudes, o gesto comedido no enfrentar as passagens mais difficis, o cuidado no ferir certos detalhes, deixam aos que a ouvem, a impressão

plena de que a sua victoria na arte do piano, será facilmente conquistada.

Do bello programma escolhido pela talentosa contemporanea, para o seu recital, todos os numeros foram cuidadosamente exécutados, arrancando ao auditorio justos e prolongados aplausos.

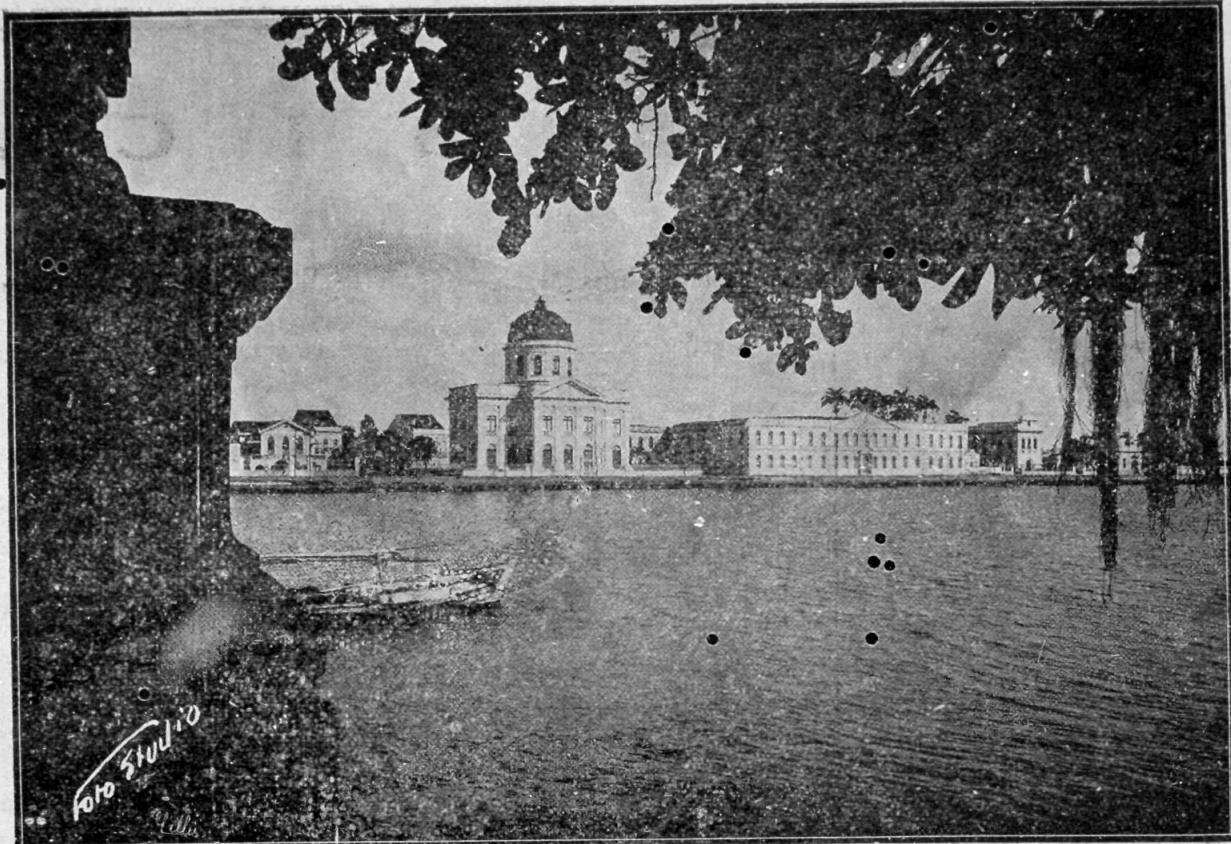
Auferindo o beneficio merecido de uma lei, qua a auxiliará a estudar a musica na Europa, a senhorinha Maria Luiza Vaz embarcou para o velho Mundo, em busca da Allemanha, onde proseguirá os seus estudos de piano, e de onde, certamente, voltará triumphante ao seu paiz.

Que seja uma breve realidade, a victoria da jovem artista, é o que almejamos.

L U C I A N O



Em quanto o photographo prepara a machine



O C A P I B A R I B E

Trecho na Rua da Aurora, onde o "Gymnazio"
e a "Camara" contemplam o correr
sereno de suas aguas...



Grupo tomado em um pic-nic realizado por funcionários
da Pernambuco Tramways na encantadora
natureza de Dois Irmãos



Luiz Gabaldon

Naquella fria manhã encerrei-me em casa sem animo para sahir á rua. O dia apresentara-se tão negro e fechado, como muitas almas torvas a quem o genio do mal ou da desgraça perseguem. Fazia o que se chama um triste e feio dia.

Penetrava-me a indecisão. De pé através dos crystaes da ampla varanda onde a chuva cantava, repicando com violencia, como que sentia correr as horas olhando para a rua toda alagada concedendo assim toda a liberdade á minha vista obsorvida em contemplar a enorme esplanada que se estendia monotonamente em frente do casario — monotonia apenas interrompida pela passagem de alguma pessoa aventurosa, por aquellas ruas alagadas correndo para abreviar o caminho que conduzia o passeio.

Ao longe e no recortamento das silhuetas, sobresia o enorme casario da cidade, com as empinadas e esguias torres das egrejas, e numerosos braços se erguiam aqui e ali como a enovellar a enorme madeixa dos fios telephonicos. Através da vidraça da janella chegava aos meus ouvidos, quebrado e attenuado, o som do bronze, dos sinos — um som lento, preguiçoso, de defuntos que naquelle dia a igreja celebrava.

Era aquelle o dia dos mortos; o dia official por assim dizer, em que todos nós filhos deste mundo como sentimos a necessidade, senão a obrigação, de chorar, lembrando os que já se foram para o além.

Eu, se fosse defunto e pudesse comunicar-me com alguem, recusaria estas manifestações regulamentares.

Por que motivo uma folha do calendario se ha de tornar em um triste lembrete?

Nestas outras meditações semelhantes me afojava eu, quando, subito, vi passar, a caminho do cemiterio, um coche funebre tirado por dois cavallos. Dentro um simples caixão, pobre ataúde coberto com um galão encarnado.

Olhei e vi que atrás do modesto vehiculo não ia ninguem. Senti um pezar immenso, algo de algido e frio no coração pensando se no dia de amanhã, que sempre está tão proximo do de hoje, me não acontecia a mim o mesmo.

Abri a janella e fiz um sinal ao cocheiro. Desci rapido, e, apenas chegado á rua, o coche funebre pôz-se de novo em marcha sem mais acompanhamento além de mim, que decidi seguir-o até ao cemiterio. Já não ia só, já tinha a acompanhado uma alma caritativa, que ao seu lado ia como um amigo...

O cocheiro, pretendendo fazer-me um obsequio, e ao ver que eu me dispunha a ir a pé, atrás do caixer, convidou-me a subir para a boléa do carro, para que assim fosse com mais commodidade. Recusei, como é natural, aquelle convite, continuando a marcha, resolutamente, a pé.

Ao cabo de uma hora, chegamos ao cemiterio.

O cocheiro supondo que eu fosse «alguem» da familia do defunto, entregou-me a chave do caixão. E eu abri-o. Quiz satisfazer a curiosidade de saber a quem havia acompanhado.

Abri o pobre ataúde e pude assim ver o cadaver de um moço. O socego e tranquillidade que se notavam na sua sympathica phisonomia deram-me logo a perceber que a sua morte fôra placida e serena.

Havia, na commodidade resignada das suas feições e na ruga sobreposta do seus labios desmaiados um quê, que denotava uma profunda resignação christã.

Senti, naquelle momento, um profundo pezar por aquelle jovem desconhecido.

Não sei porque maldisse a casualidade que não me fez conhecer antes aquelle infeliz mancebo tão bello e jovem e talvez intelligent. Teria-mos sido, de certo, muito amigos; porém, coisa estranha, a morte tomou a seu cargo a sua apresentação: «Raphael Martins», dizia o boletim do attestado de obito. Guardei-o, como valiosissima reliquia, na minha carteira, ao mesmo tempo que depuz, ao seu lado, dentro do caixão um dos meus cartões de visita.

E esta foi a nossa apresentação, o nosso casual conhecimento.

Olhei depois em torno de mim.

Em todos os tumulos já a mão carinhosa da mulher amada ou da mãe saudosa depositára ramos, corôas e festões de flores que rescendiam perfumes e davam ás lapides um ar festivo, denunciador da saudade...

O meu pobre amigo não feria, certamente, e nunca, essa aventura.

Para ali ficou, sob a terra humida que cahia pesadamente sobre o seu caixão, lançada atabalhoadamente pela pá fria dos coveiros, sem lembrança de mais ninguem além da minha... talvez sem pesar por aquelle tristissimo abandono talvez seguro, convencido de que viveria sem mim e sem outra homenagem que umas pobres flores que ali perto colhi, lançando lhas sobre o seu esquife e que cahiram entre as pásadas de terra atiradas á valla funda pelos coveiros indiferentes anciosos de concluir a funebre tarefa.

E as tristes florsinhas lá ficaram, misturadas á terra negra que, avara como ninguem, parecia apressada em cobrir, em guardar para si só as suas entranhas.

Não sei porque mysteriosa associação de idéas nos dias plumbeos de chuva onde quer que me encontre me vem sempre á lembrança aquelle que eu acompanhei á ultima morada; e para elle tenho sempre uma oração, fervorosa, que dedico ao meu «novo» e ignorado amigo.

S.A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200.000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA — PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Major Adolpho Cavalcanti*

” THESOUREIRO — *Senador Waltredo Pessoa*

” SECRETARIO — *José Penante*

” GERENTE — *Dr. José dos Anjos*

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

“REVISTA DA CIDADE”

o magazine de maior circulação em todo

o norte do Brasil com

officinas e organização proprias.

ASSIGNATURAS :

UM ANNO — 48\$000

SEIS MEZES — 25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DO

• **Dr. LUIS MENDES**

Praça Floriano Peixoto, 19

4.^o andar Sala da frente

(Editicio Imperio)

Tel. C. 2859—Endereço telegraphicoo—FANEIRA



CHOCOLATE BEIJA-FLÔR

MELHOR QUE UM BEIJO!

Este bonito porta-jornais, que a gravura representa de frente e de perfil, é facil de fazer em casa. Para executá-lo exige-se uma taboa bem limpa de nós, que se corta e aplana cui-

dadosamente, e quatro pequenas barras da mesma madeira. Os adoros de metal destinados a segurar os jornais fazem-se com arame de latão, de uns quatro millimetros de grossura, por meio de alicates e corta fios. Nos pontos de união collocam-se pequenas braçadeiras do mesmo arame, soldadas a m çuico. Cada adorno prende se á taboa por quatro braçadei-

ATELIER DE GRAVURAS

EMILIO FRANZOSI.

Fabrica de Placas esmaltadas, metal e letreiros

GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço. Cunhagem de medalhas e distintivos. Fôrmas para sabonetes. Marcas a fogo e recortadas. Sinetes para lacre. Carimbos de aço, metal e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Telephone, 6418

Esquina com a rua do Cajú

RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA

RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA



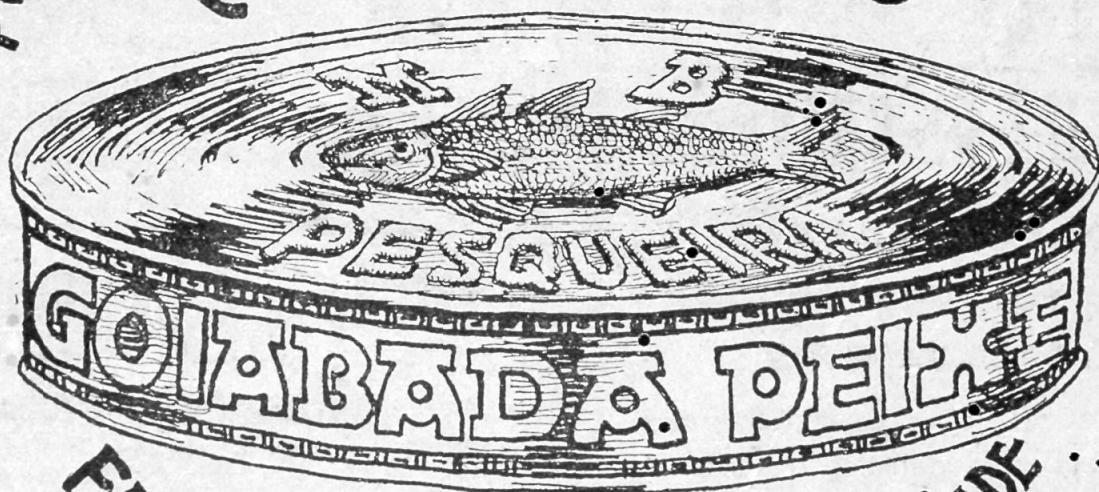
Attesto que tenho empregado com excellentes resultados o ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, em casos desyphilis terciaria e de rheumatismo syphilitico.

Bahia, 18 de Julho de 1916.

Dr. Josino Correa Cotias — Cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia.

A SOBRE MESA
DA PREFERENCIA DE TODOS
HA 30 ANNOS, SEMPRE FOI
E SERA

PEDIMOS AOS NOSSOS COMPRADORES
CONFUNDIREM OS PRODUCTOS NAO
MARCA CO **PEIXE**



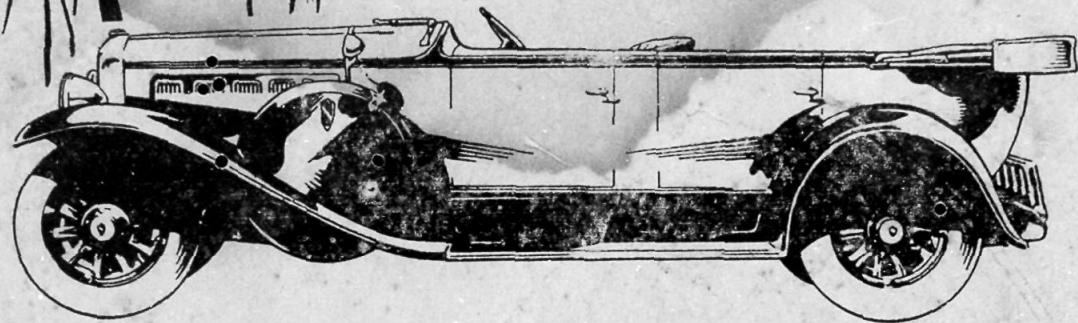
COM OUTROS
FABRICADOS NA MESMA LOCALIDADE

FABRICANTES:

Carlos de Britto & Cia.

RECIFE — PERNAMBUCO — PESQUEIRA

O Novo Oakland Satisfaz ás Exigencias dē Todos os Povos



DE um a outro extremo do immenso territorio brasileiro, onde existam estradas ou caminhos transitaveis, o carro Oakland Cosmopolitan Six goza da reputação de haver servido ás necessidades de cada um dos seus possuidores, de modo satisfactorio, durante muitos annos seguidos.

As diferenças de clima, as altas latitudes, as regiões onde se repetem a miude as intempéries, nada cons-

titue obstáculo insuperável á accão do Oakland Cosmopolitan Six.

É a mesma, aliás, a opinião dos automobilistas residentes nos mais esquecidos recantos do planeta sobre as qualidades do carro Oakland, onde quer que o automovel haja penetrado. Houve razão, pois, para denominar o carro cosmopolita, por isso que sempre satisfez plenamente ás exigencias de todos os povos.

TURISMO para 5 passageiros 16:650\$000

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S.A.

CHEVROLET - PONTIAC - OLDSMOBILE - OAKLAND - BUICK - VAUXHALL - LA SALLE - CADILLAC - CAMINHÕES GM

Agentes Autorizados nesta capital

M. A. Pontual & Cia.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 133.